

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

A DOR INVISÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO DO HOMEM NEGRO NUMA SOCIEDADE PATRIARCAL E RACISTA

Claudio Patricio

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7021>

Submetido em: 2023-09-19

Postado em: 2023-10-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Yumi Garcia dos Santos (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7121-2180>)

A DOR INVISÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO DO HOMEM NEGRO NUMA SOCIEDADE PATRIARCAL E RACISTA

CLÁUDIO JUNIO PATRÍCIO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3814-0765>

claudejunio@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.

RESUMO: Neste artigo, investiga-se, sob a ótica do feminismo negro e dos estudos de masculinidades, os impactos do racismo estrutural e de uma lógica patriarcal nas subjetividades dos homens negros e suas repercussões na sociedade. O estudo visa compreender o panorama teórico existente sobre o assunto e sua representação nas produções artísticas contemporâneas, reconhecendo as artes como precursoras na captura das mudanças sociais. Para abordar essa problemática, este estudo analisa a música “Autoestima,” composta e interpretada pelo cantor negro baiano Baco Exu do Blues. Por meio de uma narrativa pessoal, a música possibilita a expressão de sentimentos reprimidos em virtude da construção social que visa silenciar as emoções dos homens negros, sobretudo aqueles das periferias brasileiras. A arte, neste contexto, emerge como um veículo de protesto e denúncia, concedendo voz aos historicamente silenciados e desafiando a invisibilidade que muitos enfrentaram ao longo da história. Em síntese, este artigo enfatiza a importância de dar visibilidade às experiências dos homens negros e reconhece o papel vital das manifestações artísticas na conscientização das complexidades de suas subjetividades. Conclui-se que esses homens enfrentam uma constante tensão racial que, através do racismo, pode minar sua identidade e afetar sua saúde mental.

Palavras-chave: masculinidade negra, racismo, saúde mental, homem negro, baco exu do blues.

THE INVISIBLE PAIN: REFLECTIONS ON THE SUFFERING OF BLACK MEN IN A PATRIARCHAL AND RACIST SOCIETY

ABSTRACT: In this article, we investigate, from the perspective of black feminism and masculinity studies, the impacts of structural racism and patriarchal logic on the subjectivities of black men and their repercussions in society. The study aims to understand the existing theoretical landscape on the subject and its representation in contemporary artistic productions, recognizing the arts as precursors in capturing social changes. To address this issue, this study analyzes the song "Autoestima," composed and performed by the Bahian black singer Baco Exu do Blues. Through a personal narrative, the music allows the expression of repressed feelings due to the social construction that seeks to silence the emotions of black men, especially those from Brazilian peripheries. Art, in this context, emerges as a vehicle for protest and denunciation, giving voice to historically silenced individuals and challenging the invisibility that many have faced throughout history. In summary, this article emphasizes the importance of giving visibility to the experiences of black men and recognizes the vital role of artistic expressions in raising awareness about the complexities of their subjectivities. It is concluded that these men face constant racial tension that, through racism, can undermine their identity and affect their mental health.

Keywords: black masculinity, racism, mental health, black man, baco exu do blues.

INTRODUÇÃO

Invisível na existência e nas suas dores, homens negros têm reivindicado o direito de falar de suas experiências e angústias. Estigmatizado como violento ou objetificado sexualmente, as

masculinidades negras são frequentemente noticiadas na grande mídia devido às suas ações violentas ou aos seus atributos físicos. Entretanto, pouco se fala sobre a experiência de ser um homem negro em uma sociedade racista e quais as consequências que isso pode ocasionar. Pouco se fala das contradições desses indivíduos que, ao mesmo tempo, em que usufruem dos benefícios do patriarcado, também são vítimas dele.

Os homens negros nunca estiveram presentes nos projetos desenvolvimentistas do país, sendo sua relevância sempre atribuída aos trabalhos braçais que eles poderiam desenvolver. Nós, enquanto sociedade, sabemos pouco o que pensam e o que sentem os homens negros. Como bem definiu Fanon (2008), o homem negro muitas vezes é apenas um objeto no meio de vários outros. E isso não é sem consequência, pois o ato de silenciar pode ser empregado como uma tática para preservar influência e benefícios em uma sociedade que possui características de discriminação racial e dominação masculina, como a nossa.

A invisibilidade do homem negro é poeticamente retratada no prólogo do romance *Homem Invisível* de Ralf Ellison:

Sou um homem invisível. Não, não sou um espectro como aqueles que assombravam Edgar Allan Poe; nem sou um ectoplasma do cinema de Hollywood. Sou um homem com substância, de carne e osso, fibras e líquidos, e talvez até se possa dizer que possuo uma mente. Sou invisível — compreende? — simplesmente porque as pessoas se recusam a me ver. Como as cabeças sem corpo que algumas vezes são vistas em atrações de circo, é como se eu estivesse cercado daqueles espelhos de vidro duro que deformam a imagem. Quando se aproximam de mim, só enxergam o que me circunda, a si próprios ou o que imaginam ver — na verdade, tudo, menos eu (ELLISON,1980, p.32).

Este homem que existe, mas que não é visto está presente em todas as esferas da sociedade. Seja escrevendo livros que pautam discussões nacionais, tais como Silvio de Almeida com o seu *Racismo Estrutural* (2018), seja cantando sobre os desafios da masculinidade negra como Baco Exu do Blues ou se alinhando a políticos da extrema-direita que defendem o genocídio do seu corpo.

O trabalho do homem negro, assim como o das mulheres negras, sustentava a economia na época da escravidão. Porém, desde que essa forma de exploração acabou, ele não foi incluído em nenhum projeto nacional. Sua relevância sempre foi subjugada, desconsiderada, a ponto de se tentar eliminá-lo de várias formas (PATRÍCIO,2021). O fenômeno da miscigenação, proposto pelos eugenistas intelectuais no final do século XIX como uma resposta ao 'desafio' racial no Brasil (NASCIMENTO, 2016), representou uma das primeiras estratégias de marginalização do homem negro na recém-formada república, pois foi concebido como a união entre homens brancos e mulheres negras (SOUZA, 2013). Nos séculos seguintes a tentativa de apagamento do homem negro do contexto social tem se aprofundado, tendo no silenciamento e no genocídio da população

negra suas maiores marcas (NASCIMENTO,2016). Esse genocídio, como bem enfatizou Abdias Nascimento (2016), não atua apenas no corpo físico, mas também na alma do povo negro.

Como demonstrou a pesquisa realizada pelo portal Papo de Homem (INSTITUTO PDH, 2019) os homens negros são maioria nos presídios; correspondem a 75% dos que são assassinados anualmente; possuem 45% mais chances de suicídio do que homens brancos na faixa etária de 10 a 29 anos; têm menos anos de escolaridade e taxas maiores de analfabetismo. E um dos motivos de tantas desigualdades é o racismo presente na nossa sociedade.

Dentre algumas definições de racismo compreendemos como “uma ideologia de abrangência ampla, complexa, sistêmica, violenta, que penetra e participa da cultura, da política, da economia, da ética, da vida subjetiva, vincular, social e institucional das pessoas” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA,2017, p.10). O racismo, enquanto uma ideologia ampla, penetra em todas as subjetividades daqueles que dele é vítima ou algoz. Entretanto, ele é muito mais nocivo àqueles que são dele vítimas diretas (MUNANGA,2019, posição 59). Os homens negros são assolados por sentimentos de inferioridade e culpa por não alcançar o ideal branco estabelecido como parâmetro de sucesso nos meios sociais nos quais eles estão inseridos (PATRÍCIO,2021). Como aponta Souza (2008, p.43), o problema racial é uma ferida que nunca cicatriza, pelo contrário. É um abalo na própria identidade (MUNANGA,2019).

Incentivados pelas críticas e contribuições do feminismo negro, bem como por reflexões pessoais, os homens negros têm se mobilizado para refletir sobre suas existências e experiências. Eles têm reivindicado o direito de falar por si (RESTIER; SOUZA,2019; hook,2022) e, assim, assumir a narrativa das suas próprias histórias (BORSA; PERUSSATTO,2020).

A interseccionalidade tem nos permitido verificar a pluralidade de vivências das masculinidades negras, entretanto, algumas características atravessam todos os corpos. Eles sofrem a opressão das hierarquias sociais, são pressionados pelo sistema de identidade de gênero e ficam à mercê das narrativas militarizadas, das forças do mercado e da estigmatização (PINHO,2014). Os homens negros estão constantemente submetidos a uma tensão racial, tensão essa capaz de emasculá-los através da operação do racismo (FANON,2008).

Diante disso, quais são os impactos na subjetividade desses homens diante de tantas violências (simbólicas, físicas, psicológicas)? Um dos impactos, de acordo com bell hooks (2019), é a contenção e a repressão dos sentimentos que os homens negros tiveram que aprender desde o período da escravidão. Para a autora, ter que testemunhar abusos diários, fome, punições, condicionaram os homens negros escravizados a demonstrarem solidariedade entre si apenas em

situações extremas, pois, em caso contrário, haveria punições que poderiam resultar na perda da própria vida. A defesa dos sentimentos e afetos, como forma de proteção, acabou sendo transmitidos através das gerações, sendo os homens negros da atualidade utilizando da mesma estratégia.

Culturalmente, o ditado “homem não chora” estabeleceu a norma de que os homens, em especial os negros, não tinham permissão para expressar suas emoções. Eles foram estereotipados como pessoas fortes e agressivas, o que limitou qualquer tentativa de questionar seu lugar na hierarquia social. Quando um homem negro finalmente consegue superar todas essas barreiras e falar sobre suas aflições, devemos reconhecer o imenso esforço que foi necessário para alcançar esse ponto (PATRÍCIO, 2021).

Diante disso, o presente trabalho explora, a partir de uma perspectiva do feminismo negro e dos estudos de masculinidades, os impactos do racismo estrutural nas subjetividades dos homens negros e os seus reflexos no contexto social. Pretende-se verificar o que os/as teóricos/as têm discutido sobre essa temática e como ela tem sido expressa nas produções artísticas na atualidade. As artes talvez sejam as primeiras instâncias a captar as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, elas traduzem aquilo que está pulsando nas mentes e nos corações dos indivíduos e que só será posteriormente captada pelos estudiosos.

Seguindo a proposta de acolher as narrativas dos homens negros, o presente texto analisará o conteúdo da música Autoestima, composta e interpretada pelo cantor negro baiano Baco Exu do Blues. A partir de uma narrativa pessoal, o cantor consegue externalizar sentimentos reprimidos por uma construção social que tenta silenciar toda emoção vivenciada pelos homens negros, especialmente aqueles pertencentes das periferias brasileiras.

1.MASCULINIDADES NEGRAS E SEUS ESTIGMAS

“O homem negro não é um homem, é um homem negro”(FANON, 2008). Essa afirmação de Frantz Fanon possibilita que campos de saberes tais como: os estudos de gênero e os estudos de masculinidades repensem o lugar que o homem negro ocupa em suas teorias. Marcada pela objetificação e desumanização do seu corpo, a aquisição e manutenção de uma masculinidade pelo homem negro é um desafio que acarreta consequências psíquicas e sociais, como tem apontado teóricas do feminismo negro(hooks,2022) e também teóricos dos estudos de masculinidades (BOLA, 2020).

A masculinidade para os homens negros é muitas vezes percebida como subordinada e enfrenta desafios mais significativos do que para os homens brancos. Os homens negros são

frequentemente obrigados a adotar uma masculinidade extremamente rígida em todas as circunstâncias, a fim de ganhar reconhecimento (NKOSI, 2014). Essa lógica racista, combinada com um ideal de masculinidade dominante, limita as expressões de suas masculinidades a certos estereótipos. Um deles é a associação intensa entre a masculinidade do homem negro e aspectos relacionados à sexualidade e à aparência física (NKOSI, 2014). Isso implica que ele deve corresponder a algumas expectativas como: ser extremamente viril, ter um corpo musculoso, ter habilidade em esportes e tarefas manuais, possuir uma força física extraordinária e nunca recuar diante de uma ameaça, mesmo que isso coloque em risco sua própria integridade física (NKOSI, 2014, p. 92).

A objetificação sexual excessiva de indivíduos negros é uma estratégia que visa despojá-los de sua humanidade, afetando tanto homens como mulheres de origem negra. Além de terem suas características sexuais racializadas, os homens cisgêneros negros são frequentemente sujeitos a uma avaliação de sua inteligência que, segundo o padrão europeu branco, é inversamente relacionada ao tamanho de seus órgãos genitais (SOUZA, 2014). Elogiar o desempenho sexual ou as características físicas dos órgãos genitais dos homens cisgêneros negros é uma forma socialmente aceitável de desconsiderar sua humanidade em outras esferas da vida (NKOSI, 2014).

Enquanto o corpo do homem negro é frequentemente objetificado e excessivamente sexualizado, sua sexualidade também é percebida como ameaçadora para os homens brancos. Souza (2013) argumenta que a formação da Ku Klux Klan nos Estados Unidos tinha, entre outros objetivos, o propósito de separar homens negros de mulheres brancas. Durante suas atividades noturnas, os membros desse grupo tinham como meta principal perseguir e eliminar casais interraciais. Os homens negros eram vistos como obstáculos ao ideal de masculinidade branca dominante e, por essa razão, buscava-se excluí-los da sociedade, seja através da submissão, seja através da violência mortal (SOUZA, 2013).

Como apontado por Bourdieu (2014) e por Elias e Scotson (2000), a disputa pelas mulheres, especialmente as brancas, é um dos principais motivos da rivalidade entre homens brancos e negros. O homem negro torna-se uma ameaça ao homem branco, pois, as únicas características pelas quais ele consegue reconhecimento social são os seus atributos físicos e sexuais (NKOSI,2014). Com o fim do processo de escravidão, no qual homens negros e mulheres negras deixaram de ser propriedade dos homens brancos, uma das estratégias utilizadas para interditar o homem negro e impedir o seu acesso às mulheres brancas foi estigmatizá-lo e rotulá-lo como um predador sexual (ELIAS; SCOTSON,2000).

Tido como um esturpador em potencial, o homem negro começou a ser visto como aquele que deveria ser combatido, pois era uma ameaça às mulheres brancas e a toda sociedade, em geral.

Assim sendo, criou-se um pacto social de que, caso o homem negro não acatasse a ordem socialmente estabelecida de que ele não se relacionasse sexualmente com as mulheres brancas, ele seria suscetível a penalizações de ordem jurídica, moral e até mesmo física, com, inclusive, a autorização de assassinato (ELIAS; SCOTSON,2000).

Esta disputa na esfera pública entre homens negros e brancos pelo prestígio e poder conferidos pela masculinidade foi denominada por Rolf Malungo de Souza de *falomaquia* (SOUZA, 2013). Tal rivalidade, envolvendo principalmente os homens cis heterossexuais, tem no sexo/sexualidade seu principal elemento de disputa. Nessa disputa o que está em jogo é a conquista das mulheres negras e brancas (SOUZA,2013). Fruto de uma lógica patriarcal, essa disputa trata as mulheres como objetos a seres conquistados e celebrados ao bel prazer masculino.

Como aponta Munanga (2019, p.15), o processo de alienação dos negros começa pela inferiorização dos seus corpos, antes de atingir outras partes tais como a mente, o espírito, a história e a sua cultura. Os homens brancos, detentores da masculinidade hegemônica no ocidente, utilizam de meios institucionais para oprimir e subjugar outras masculinidades, em especial a negra (SOUZA,2013). Um desses recursos de subjugação da masculinidade negra está a sujeição criminal(MISSE, 2010).

A sujeição criminal é definida como sendo um processo de criminalização dos sujeitos (MISSE,2010). Assim, alguns sujeitos “carregariam” a capacidade de cometer crimes na própria alma; é alguém que sempre cometerá crimes e, por isso, é perigoso, irrecuperável. É aquele sujeito que se pode desejar que morra, que sua morte não causará comoção social, pelo contrário(MISSE, 2010). Entretanto, a sujeição criminal não é um fato dado, inato. Os sujeitos criminais são construídos em contextos sócio–históricos determinados e estão diretamente relacionados com as questões de classe e raciais. Dessa forma, coube ao homem negro o estigma da violência, da agressividade e da criminalidade. Ele é aquele que deve ser evitado, por ser sempre ameaçador, ou melhor, por ser uma ameaça.

Uma das características dos estereótipos é o fato de eles simplificarem a realidade a partir de um número reduzido de elementos observáveis (VIGOYA,2018) que, muitas vezes, são supervalorizados com objetivos de manutenção de privilégios e preconceitos. “Com base nos estereótipos, presumimos que já sabemos tudo o que precisamos saber de uma pessoa ou grupo, definido cada unidade que o compõe por seus elementos (VIGOYA,2018, p.04)”. Como mostrou Souza (2013) a construção social do homem negro sendo perigoso faz parte da disputa de poder e prestígio entre brancos e negros.

Como aponta Goffman (1988), o estigma é uma linguagem de relações e não de atributos. No instante que uma categoria de pessoas é estigmatizada está se criando uma relação hierárquica

que, em última instância, está contribuindo para que relações de poder e dominação se estabeleça. Ao ser rotulado como “bandido”, por exemplo, o homem negro está sofrendo, dentre outras coisas, de uma violência simbólica com impacto em todas as esferas da sua vida.

Goffman (2010) afirma que os comportamentos são moldados a partir das regras de condutas definidas pelo grupo e pelo cenário no qual o indivíduo está inserido. Ao ser rotulado como bandido, o homem negro precisa estar atento ao seu comportamento em todas as situações para não ser repreendido devido ao estigma que carrega. Dessa maneira, pedir o comprovante de pagamento após realizar uma compra, por exemplo, torna-se uma questão de segurança pessoal na hipótese de ele ser acusado de ter roubado algo. Outra estratégia utilizada por eles é evitar utilizar certos estilos de roupa que possam demarcar uma origem social e, assim, evitar olhares e prejuízos. Esses exemplos mostram como o estigma de que homens negros são criminosos pode afetar diretamente a relação entre a identidade pessoal e a identidade social dos indivíduos (GOFFMAN,1988). Muitos desses homens precisam negar quem são e o que gostam em função de uma maior adaptabilidade ao convívio social.

Outra consequência imediata dos estereótipos e estigmas cunhados aos homens negros é o aprisionamento que eles podem ocasionar nesses homens. Assim, muitos tenderão a acreditar que só alcançarão reconhecimento público se reproduzir exatamente aquilo que lhes é esperado socialmente. Dessa forma, supervalorizarão seus atributos físicos e sexuais, adotarão comportamentos agressivos e se envolverão em práticas criminais. Serão aquilo que esperam que eles sejam e, inevitavelmente, sofrerão todas as consequências disso. Deste modo, os homens negros tendem a ficar restritos a duas possibilidades de existência. Na primeira ele é visto como uma mercadoria para ser consumido sexualmente e na outra como aquele que precisa ser temido por ser perigoso (NAVASCONI,2022). Em ambas as possibilidades o seu caráter humano é negligenciado e esvaziado.

Com o avanço das discussões raciais, parte-se do pressuposto de que os homens negros tenham consciência da sua condição racial, entretanto, numa sociedade de padrões brancos como a nossa, essa tomada de consciência é um processo árduo e contínuo. Munanga (2019) questiona se os negros conseguiriam construir uma identidade racial baseando-se na morfologia dos seus corpos se as práticas embaquecedoras forçam muitos deles a fugir de tudo ligado a negritude. Numa sociedade racista, tornar-se negro pode ser mais uma das violências que esses corpos precisarão enfrentar no seu desafio de ser um sujeito/indivíduo.

2. RACISMO E SEUS IMPACTOS

O racismo para se manter eficiente no seu poder de dominação e subordinação de outras raças precisa criar e recriar uma construção no imaginário social de que determinadas características

biológicas ou culturais estão relacionadas à raça (ALMEIDA, 2018). Outro ponto importante para a permanência do racismo, é a construção social de que as desigualdades sociais estão relacionadas à identidade racial dos indivíduos, construção essa que permite a indiferença, por parte da sociedade, dos privilégios vivenciados por determinados grupos raciais (ALMEIDA, 2018). Na lógica racista há no imaginário social lugares estabelecidos para negros e brancos, lugares esses que são reproduzidos e reforçados pelos meios de comunicação e pela indústria cultural, em geral (BORSA; PERUSSATTO, 2020).

Para pensarmos nas consequências que o racismo provoca na constituição e na manutenção de um ideal de masculinidade negra, partiremos do pressuposto defendido por Almeida (2018) de que o racismo é sempre estrutural. Para o autor, o racismo é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade, não podendo, assim, ser caracterizada como um fenômeno patológico ou tida como anormal. Sua manifestação, seja através das relações interpessoais ou na dinâmica das instituições, emerge das entranhas e do lugar mais profundo da constituição da sociedade (ALMEIDA, 2018, p. 16).

Por racismo compreende-se como: “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2018, p. 25).

As concepções acerca do racismo podem ser subdivididas em três: o racismo individual, o institucional e o estrutural (ALMEIDA, 2018). Na concepção individualista, o racismo é tipificado como uma espécie de patologia, um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual, ou coletivo (ALMEIDA, 2018, p. 28). Por essas características ele é tido como uma “irracionalidade” e que por isso deve ser combatido na esfera jurídica, por sanções civis ou penais. Esta concepção, ao compreender o fenômeno do racismo apenas do ponto de vista comportamental, mostra-se bastante frágil, pois ao culpabilizar apenas o indivíduo pela sua prática desconsidera todo o contexto social no qual ele está inserido e que legitimou sua ação.

No racismo institucional há um avanço na compreensão, pois a análise não se restringe aos comportamentos individuais, mas sim no funcionamento das instituições que confere, mesmo indiretamente, desvantagens e privilégios a partir da raça (ALMEIDA, 2018, p. 29). Os que defendem a ideia de racismo institucional afirmam que os conflitos sociais são constitutivos das instituições. Desta forma:

(...) a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas devido à ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos (ALMEIDA, 2018, p. 30).

Outro avanço da concepção institucional em relação à individualista é a noção de que o poder é um dos elementos centrais das relações raciais. Assim, o racismo passa a ser compreendido, primeiramente, como uma relação de dominação de uma raça sob outra (ALMEIDA, 2018). No racismo individual temos a atuação personificada de um indivíduo branco agindo contra um indivíduo negro, por exemplo. No racismo institucional a ação é de uma comunidade branca em detrimento de uma comunidade negra.

Por fim, temos o racismo como sendo estrutural. A concepção de racismo estrutural surgiu a partir do desdobramento da concepção institucional. Se a imposição de regras e padrões de comportamento e pensamento racistas por parte das instituições são vinculadas à ordem social que ela visa resguardar, “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (ALMEIDA, 2018, p. 36). Desta forma, o racismo é parte da ordem social e não algo criado pelas instituições, mas apenas, reproduzido por elas. Tal concepção amplia efetivamente a compreensão do processo de dominação provocado pelo racismo e nos ajuda a perceber o porquê de ele ser tão eficiente e de difícil combate. Seu processo de sofisticação é tamanho que sua implantação foi feita na raiz das sociedades, tornando-se, assim, parte delas. Portanto:

(...) o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo *racismo é regra e não exceção*. O racismo é parte de um processo social que “ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coibam o *racismo individual e institucionalmente*, torna-se imperativo refletir sobre *mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas* (ALMEIDA, 2018, p. 39).

Um dos efeitos, e da eficiência, do racismo, especialmente no Brasil, foi a racialização apenas do negro. O branco, enquanto sujeito, até então, tido como universal, nunca precisou questionar a sua posição racial. Como já citado, o silenciamento quase sempre é uma ótima estratégia para a manutenção de uma determinada situação. No momento que não se fala sobre a branquitude não se precisa questioná-la, nem pensar quais são os seus efeitos na manutenção do racismo estrutural. Ela é tão naturalizada que os brancos nunca precisaram se questionar o que é ser branco na nossa sociedade. Entretanto, tal discussão tem se mostrado cada vez mais importante diante do cenário de transformações sociais que temos vivenciados.

É nesse contexto que relega à erudição, a produção de conhecimento e a detenção de todos os outros poderes ao homem branco, que o homem negro tem que se constituir enquanto sujeito e construir a sua própria masculinidade. Waldemir Rosa (2006) apresenta uma importante indagação: é possível falar de uma masculinidade negra, uma vez que o homem negro está restrito a uma objetificação que o priva de sua racionalidade cultural e nega-lhe independência?

2.1 “O que fiz para ser tão negro e triste?”¹

Quando o racismo é interiorizado e com ele uma autopercepção de inferioridade, uma das consequências imediatas é a diminuição da capacidade de sentir e de amar dos sujeitos (hooks,2019). Perde-se a capacidade de se amar, pois, falta representação social positiva que consiga dialogar diretamente com esses sujeitos. Todos os corpos de sucesso vendidos no contexto neoliberal branco no qual vivemos não são parecidos com os corpos que os sujeitos negros veem refletidos em seus espelhos. Como amar um corpo que não é visto e muito menos reconhecido? Como amar um corpo que é ridicularizado, estigmatizado e animalizado em todas as possibilidades possíveis? Enquanto meninos brancos são educados, na lógica cis heteronormativa, para serem príncipes; meninos negros são educados para não morrerem antes dos 21 anos.

Para bell hooks (2019) a dificuldade coletiva da população negra da diáspora com a arte de amar tem raiz no contexto escravocrata, no qual os ancestrais foram submetidos e presenciaram a todos os tipos de violências. Arrancados de suas terras natais, o banzo era um dos principais sentimentos vivenciados pelos povos escravizados. Para Haag (2010, p.42) banzo pode ser compreendido como um “estado de depressão psicológica que tomava conta dos africanos escravizados assim que desembarcavam no Brasil e seria uma enfermidade crônica: a nostalgia profunda que levava os negros à morte”. Os negros e negras morriam não só de saudade da sua terra mãe, mas também se faziam morrer para fugir da crueldade a qual eram obrigados a vivenciar no período de escravidão. Cento e trinta e cinco anos após supostamente ganharem a sua liberdade, não estariam os descendentes dos povos escravizados presos nas mesmas dores que os seus ancestrais?

No período pós-abolição era esperado que a população negra vivenciasse todos os afetos e sentimentos que não lhe era permitida nas senzalas. Entretanto, como vivenciar algo que não havia sido lhe ensinado? Como amar, se durante quase quatro séculos só lhe foi oferecido ódio e revolta? bell hooks (2019) explica que, talvez, esse seja um dos motivos que fez com que muitos negros estabelecessem modelos familiares tendo como referência a violência do período da escravidão. Aliado com a lógica patriarcal, esses modelos eram marcados pela violência contra a mulher e contra as crianças. O homem negro transformou-se em “senhor” no único espaço que lhe era permitido: no contexto familiar, e utilizou os mesmos métodos dos senhores de engenho para ser “respeitado”. E como podemos constatar na atualidade, infelizmente, muitos homens ainda reproduzem essa lógica.

Ainda retornando os efeitos da escravidão na subjetividade da população negra, em especial a do homem negro, a repressão dos sentimentos pode ser apontada como uma das consequências

¹ No original *What did I do to be so black and blue?* canção de Louis Armstrong. <https://www.letras.mus.br/louis-armstrong/406252/traducao.html> Acessado em 11 de agosto de 2023 às 17:20.

desse período. O escravo que não conseguia reprimir suas emoções talvez estivesse fadado a morrer precocemente (bell hooks, 2019). Nesse contexto, a dominação não era só do corpo, mas também da alma e da mente, sendo o silenciamento uma das estratégias de controle desses indivíduos. Aqueles que porventura ousavam em burlar esse ordenamento eram punidos com castigos e até mesmo com a morte.

A repressão dos sentimentos acabou se tornando uma característica dos homens negros mesmo após a escravidão (bell hooks,2019). A autora afirma que, como nem o racismo, nem a supremacia branca acabaram, os negros tiveram que manter algumas barreiras emocionais como estratégia defensiva e muitos acabaram por considerar tal modo de agir como algo positivo. Demonstrar emoções era considerado bobagem e sinal de fraqueza (bell hooks,2019) e, com o decorrer dos anos, também foi associado com a homossexualidade, o que criou mais argumento para os homens negros relatarem, ao máximo, a vivenciar e exteriorizar seus sentimentos. Tal percepção da expressão das emoções transmitiu-se geração a geração como uma estratégia de sobrevivência. Muitos acreditam que o amor e os afetos impediriam a capacidade de desenvolvimento de uma personalidade mais sólida (bell hooks,2019).

Os altos índices de adoecimento mental de homens negros demonstram que a negação dos sentimentos que, como vimos anteriormente, surgiu como uma estratégia de sobrevivência, na verdade, tem servido apenas para mascarar sofrimentos e destruir a capacidade de estabelecer relações saudáveis consigo mesmos e com os outros. “Homens negros muitas vezes vivem em uma prisão mental, incapaz de encontrar uma saída” (bell hooks,2022, p.32). A “saída” muitas vezes está no uso abusivo de álcool e outras drogas, nos comportamentos de risco ou qualquer outra prática que os impeça de pensar quem são e como estão vivendo. Eles têm morrido silenciosamente e quase ninguém percebe os pedidos de ajuda. Segundo Navasconi (2022, p. 111), a privação da humanidade dos homens negros resulta em sua morte por carência de afeto, pertencimento e, sobretudo, reconhecimento.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL,2018, p.16) um dos grupos mais vulneráveis e de maior risco de cometimento de suicídio é o do jovem negro. Em 2016, a cada dez suicídios ocorridos entre jovens de 10 a 29 anos, seis ocorreram entre jovens negros (BRASIL,2018, p.26). Ainda em 2016, o risco de suicídio foi 50% maior entre adolescentes e jovens negros do sexo masculino comparados aos brancos (BRASIL,2018, p.32). O gênero é uma variável determinante quando o assunto é suicídio. Na população negra, a cada suicídio no sexo feminino ocorreram, em média, seis no sexo masculino, no período de 2012 a 2016 (BRASIL,2018, p.44). Meninos e homens negros estão tirando a própria vida silenciosamente. Dentre os motivos de maior

vulnerabilidade dessa parcela da população está o preconceito, a discriminação racial e o racismo institucional.

Os/as pesquisadores/as apontaram algumas das principais causas associadas ao suicídio da população negra (BRASIL,2018, p.17): a) o não-lugar; b) ausência de sentimento de pertença; c) sentimento de inferioridade; d) rejeição; e) negligência; f) maus-tratos; g) violências; h) inadequação; i) sentimento de incapacidade; j) solidão; k) não aceitação da identidade racial, sexual-afetiva, de gênero e de classe social.

Na dualidade de ser vítima e algoz no atual sistema patriarcal capitalista branco, os homens negros vivenciam essa dualidade também subjetivamente. Ao terem seus comportamentos confrontados pelas feministas negras, eles precisam dar respostas a suas companheiras ao mesmo tempo, em que precisam entender o que se passam consigo. E as artes, especialmente a música, tem sido uma das formas encontradas por eles para refletir e ressignificar suas vivências e suas identidades.

2.2 “Eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim.”²

A música é um dos canais mais eficientes de se transmitir todos os sentimentos, revoltas e desejos que os indivíduos possuem (BORSA; PERUSSATTO,2020). Capaz de emocionar milhões, uma música consegue ser singular a cada um/a que a consome. Ela tem sido um dos principais meios utilizados pelos homens para traduzir aquilo que pensam e sentem. Nos últimos anos, uma geração de cantores de rap tem ganhado notoriedade por trazer em suas letras discussões sobre masculinidade e outros dilemas vivenciados pelos homens negros, especialmente os periféricos. Tendo como alguns dos seus principais expoentes Emicida, Criolo, Djonga e Baco Exu do Blues, esses cantores têm conseguido pautar discussões em vários contextos sociais.

Baco Exu do Blues é o nome artístico do rapper baiano de 27 anos, Diogo Álvaro Ferreira. A escolha do nome artístico foi uma forma de homenagear o deus romano do vinho e das festas (Baco), o mensageiro dos orixás (Exu) e o primeiro ritmo a formar pretos ricos (Blues) (BORSA; PERUSSATTO,2020, p.186). Filho de um pai negro (falecido quando ele tinha sete anos) e uma mãe branca, o cantor revelou que vivenciou conflitos no seu processo de formação, principalmente por ter que conviver com os seus familiares maternos, majoritariamente brancos. Desse convívio, foi alvo de racismo e acabou por alimentar uma imagem negativa da população negra (BORSA; PERUSSATTO,2020). Filho de professores, abandonou a escola na 6ª série após ser reprovado algumas vezes e sofrer discriminações raciais. Entretanto, nunca perdeu o prazer pela leitura,

² Canção Autoestima de Baco Exu do Blues. <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/autoestima/>. Acessado em 06 de setembro de 2023 às 16:28.

chegando a afirmar que aprendia mais com os livros do que na própria escola (BORSA; PERUSSATTO,2020, p.186).

Em janeiro de 2022, Baco Exu do Blues lançou o seu terceiro álbum *“Quantas vezes você já foi amado? (QVVJFA)”*. O álbum, assim que foi lançado, foi um dos mais escutados na plataforma Spotify³, sendo sucesso de público e crítica. Composto por 12 faixas, nele o cantor e compositor expõe suas vulnerabilidades, conflitos, crises existências, amores e afetos a partir da perspectiva de um homem negro. Em uma entrevista⁴, Baco afirmou que com a fama e o sucesso, vieram os *haters* que o fizeram passar por momentos turbulentos na sua vida, que culminaram com um período depressivo e vários problemas físicos. Sua estratégia foi retornar para sua terra natal, Salvador/BA, para poder se reconectar com suas origens, sendo o álbum fruto desse processo.

Na faixa intitulada de Autoestima,⁵ o cantor consegue verbalizar várias das dores que os homens negros vivenciam e, muitas vezes, não conseguem externalizar. A canção pode ser interpretada como uma espécie de desabafo emocional, uma ferramenta de expressão e autoconsciência, na qual o artista revela as profundezas da sua subjetividade e, por extensão, as experiências compartilhadas por outros homens negros. Na sua letra⁶ é possível perceber a tomada de consciência do compositor de algumas das violências, mazelas e dores vivenciadas por ele.

Trecho 1: *“Tantas dores que eu tentei esconder. Queria tudo, me disseram: Isso não é pra você.”*

Trecho 2: *“Usamos drogas pra esconder nossa dor. Diamantes nas correntes para ofuscar nossa dor. Cravejamos o sorriso, não vão ver nossa dor. Pago 10 mil nesse tênis, tô pisando na dor”.*

Trecho 3: *“Foram 25 anos pra eu me achar lindo. Sempre tive o mesmo rosto, a moda que mudou de gosto. E agora querem que eu entenda seu afeto repentino”.*

Trecho 4: *“Eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim.”*

No Trecho 1 Baco demonstra a pressão social que homens sofrem para não demonstrarem seus sentimentos, suas dores, pois ao fazer isso assumem um papel de vulnerabilidade correlacionada ao feminino e não ao masculino. O compositor também demonstra que ao homem negro não lhe é permitido acesso a tudo, seja na capacidade de vivenciar a sua vulnerabilidade, seja na capacidade de obter bens de consumo.

No Trecho 2 identificamos as estratégias masculinas para lidar com suas dores. Seduzidos pela lógica capitalista, muitos utilizam da ostentação como forma de visibilidade e de

³ Fonte: <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/musica/2022/02/14950943-baco-exu-do-blues-quer-saber-quantas-vezes-voce-ja-foi-amado-e-expoe-vulnerabilidades-em-novo-album.html>. Acessado em 06 de setembro de 2023 às 14:35.

⁴ Fonte: <https://braziljournal.com/quantas-vezes-voce-ja-foi-amado-o-baco-voltou/>. Acessado em 06 de setembro de 2023 às 14:56.

⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5Zj9aef2AEE>. Acessado em 06 de setembro de 2023 às 15:30.

⁶ Fonte: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/autoestima/>. Acessado em 06 de setembro de 2023 às 15:46.

reconhecimento social. Entretanto, como demonstrado na música, essa estratégia é apenas uma das formas deles lidarem com a sensação de inferioridade em comparação com o homem branco (FANON,2008), de tentar lidar com o preconceito racial a partir da obtenção de bens-materiais (CARNEIRO,1995). O uso abusivo de álcool e outras drogas também é exemplificado como uma das formas de tamponar o sofrimento que não consegue encontrar vazão de outras formas.

Nos Trechos 3 e 4 Baco traduz as dificuldades que os homens negros encontram para desenvolver sua autoestima em uma sociedade na qual o padrão de beleza não é aquele que eles observam no espelho. O belo, o desejado, é sempre outro, que tem uma cor e uma condição social diferentes. O compositor também se questiona de o porquê só ter sido considerado atraente após ter feito sucesso e ter começado a ganhar dinheiro. Ao utilizar o verbo “*roubar*” para falar sobre sua autoestima, Baco enfatiza que muitos homens negros têm problemas com a sua autopercepção devido a fatores que são externos a eles, que suas qualidades e bem-estar são lhes tirados a força. Podemos interpretar como as relações sociais e raciais esses fatores capazes de “*roubar*” a autoestima e o equilíbrio emocional dos homens.

Como demonstrado nos trechos acima, os homens negros têm uma grande dificuldade de se amarem e de serem amados. Tal constatação vai de encontro com a teorização de bell hooks (2022):

A verdade de fato, que é um tabu quando verbalizada, é que nossa cultura não ama homens negros; eles não são amados por homens brancos, por mulheres brancas ou por mulheres negras, nem por meninas e meninos. Sobretudo, a maioria dos homens negros não se ama. Como eles poderiam amar a si e uns aos outros, como poderia se esperar que eles amassem cercados de tanta inveja, desejo, ódio? Homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista são temidos, não amados (hooks,2022, p.32).

Conforme destacado por Patrício (2021), a sociedade historicamente impôs um estereótipo ao homem negro, proibindo-o de expressar suas emoções e limitando-o a ser reconhecido apenas por sua aparência física e suposta agressividade. Este padrão cruel e desumano o privou de qualquer oportunidade de desafiar sua posição na hierarquia social. Portanto, quando observamos Baco Exu do Blues rompendo com essas expectativas e compartilhando abertamente suas dores e vulnerabilidades, sem que isso seja encarado de maneira pejorativa, ele desencadeia uma transformação profunda nas engrenagens da sociedade (PATRÍCIO, 2021).

Nesse contexto, é essencial compreender que a capacidade de Baco Exu do Blues de expressar suas emoções de forma autêntica e sem censura não apenas desafia os estereótipos prejudiciais impostos aos homens negros, mas também serve como um ato de resistência e empoderamento. Ao fazê-lo, ele não apenas reivindica seu direito de ser humano completo, com

sentimentos e fragilidades, mas também abre espaço para outros indivíduos negros compartilharem suas experiências de vida de maneira genuína.

A autoestima é um dos pilares de uma boa saúde mental (hook,2022), entretanto, ela parece um dos grandes desafios vivenciados pelos homens negros. Mesmo alcançando os elementos necessários que definem uma pessoa de sucesso, muitos homens, como Baco Exu do Blues, não se sentem bem consigo. Como já citado anteriormente, como os homens negros podem se amar se eles não são amados por ninguém?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos avanços nos estudos, ainda pouco sabemos sobre as dores e dilemas dos homens negros. Como um dos pilares da lógica patriarcal que subjuga as mulheres e outras expressões das masculinidades (por exemplo, masculinidades trans e gays), os homens negros também são vítimas desse mesmo sistema em que eles são um dos opressores. Essa posição ambígua, de algoz e, ao mesmo tempo, vítima, impõe conflitos e dificuldades que apenas têm recentemente sido mais bem compreendidas, seja pelos estudiosos, seja pelos artistas, como demonstrado no texto.

As últimas discussões do feminismo negro (hooks,2022) apontam a importância de superar a disputa de quem é mais oprimido: as mulheres ou os homens negros. Manter essa disputa, conforme aponta a autora, é uma estratégia daqueles que não têm interesse numa autodeterminação negra. Como afirmou bell hooks (2022, p.231): “Quando homens negros sofrem, todos nós sentimos dor”. E essas dores só serão superadas com ações coletivas da própria população negra.

Os homens negros enfrentam continuamente uma tensão racial que, por meio da manifestação do racismo, tem o potencial de minar sua identidade e sua saúde mental. As relações estabelecidas a partir da lógica patriarcal e racista fazem com que eles possam adotar comportamentos estigmatizados tais como: criminosos em potencial ou se permitindo ser objetificados sexualmente, visando apenas a atender as expectativas que se tem em relação a eles. Vivendo em uma sociedade onde o racismo estrutural é uma realidade, os homens negros estão fadados a enfrentar desigualdades e injustiças que afetam sua vida em diversos aspectos, incluindo oportunidades de trabalho, educação e saúde.

Baco Exu do Blues ao se questionar quem roubou sua autoestima denuncia todas essas desigualdades e injustiças vivenciadas pelos homens negros. Utilizando-se da arte como um instrumento de protesto e de denúncia, ele não apenas dá voz àqueles que foram historicamente

silenciados, mas também desafia a invisibilidade que muitos enfrentaram ao longo da história. Ao sentir, experienciar e externalizar suas emoções, Baco está convocando outros homens negros a desafiar as imposições da masculinidade patriarcal que determina que eles renunciem à capacidade de sentir (hooks, 2022) e, em última instância, de amar.

Por fim, discutir a saúde mental dos homens negros representa, em sua essência, um ato revolucionário (hooks, 2022). Isso ocorre porque ao abordar as feridas previamente ocultas, estamos criando oportunidades para superar estigmas e desvendar potenciais latentes. Permitir que esses homens se expressem equivale a abrir as portas de suas almas, que por tanto tempo permaneceram fechadas, possibilitando a descoberta de todo o potencial que sempre existiu por trás delas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada.** Porto Alegre: Dublinense, 2020. Tradução de Rafael Spuldar.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina.* Tradução Maria Helena Kühner. 1 edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BORSA, Matheus Eduardo; PERUSSATTO, Melina Kleinert. Cantos de liberdade: bluesman e as possibilidades de sentimentos de homens negros // chants of freedom. **Revista Periódicus**, [S.L.], v. 1, n. 13, p. 175–191, 27 out. 2021. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/peri.v1i13.35676>.
- BRASIL. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016.** Brasília: Universidade de Brasília, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 544–552, jul./dez. 1995.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas (os).** Brasília: CFP, 2017. 147 p.
- ELIAS, N e SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELLISON, Ralph. **Homem invisível.** [S.L.]: José Olympio, 2020. 620 p. Edição ebook Kindle.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Edufba, 2008. 194 p. Tradução: Renato da Silveira.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ltc, 1988. Tradução: Mathias Lambert.

HAAG, Carlos. A saudade que mata. **Pesquisa Fapesp**. São Paulo, p. 42–47. jun. 2010.

hooks, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidades. São Paulo: Elefante, 2022. Tradução: Vinícius da Silva.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2019, Tradução de Ana Maria Gonçalves.

INSTITUTO PDH (org.). **O silêncio dos homens**: uma pesquisa com mais de 40 mil pessoas em todo Brasil. São Paulo: [S.L.], 2019.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**, São Paulo, n. 79, 2010. 235–244.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Coleção Cultura Negra e Identidades.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016. 232 p.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. **Suicídio e Masculinidades**: reflexões sobre a dialética da vida e morte de homens negros. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S.L.], v. 5, n. 16, p. 97–122, 2022

NKOSI, Deivison Faustino. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (org.). **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75–104.

PATRÍCIO, Cláudio Junio. Quando o homem negro decide falar, o que a psicanálise consegue escutar? In: ANDRADE, Eduardo Lucas; CECCARELLI, Paulo Roberto; FREITAS, Víctor Cruz de (org.). **A Psicanálise na vida cotidiana**: vol. 3. Bom Despacho: Literatura em Cena, 2021. p. 69–88.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, [s. l.], v. 22, p. 64–69, jun./jul. 2004. PINHO, Osmundo. Um enigma masculino: Interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil. *Universitas Humanística*, Bogotá-Colômbia, 77, janeiro–junho de 2014. 227–250.

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. 232 p.

ROSA, Waldemir. **Observando uma masculinidade subalterna**: homens negros em uma democracia. Seminário Fazendo Gênero VII-Gênero e Preconceito. Florianópolis: Editora Mulheres. 2006. p. 1-7.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Lebooks, 2008.

SOUZA, Rolf Malungo de. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do ocidente. **Antropolítica**, Niterói, v. 24, p. 35–52, jan./jun. 2013.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, v. 6, p. 97–115, jul./dez. 2014.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018. 224 p. Tradução de: Allyson de Andrade Perez.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:

Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

Autor único responsável por todos os processos da pesquisa.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:

O autor declara não ter conflitos de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIA DO AUTOR DO PAPER:

Psicólogo (UFMG). Doutorando em Sociologia (UFMG). Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Faculdade de Medicina (UFMG). Pesquisador das seguintes temáticas: masculinidades negras, raça, gênero, sexualidade, violências.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.